

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Brincar: como, quando, com o quê?  
Como tornar o brincar da criança a sua atividade mais séria.

Sara Alexandra Pires Ramalhete

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré- Escolar

Novembro 2016

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Brincar: como, quando, com o quê?  
Como tornar o brincar da criança a sua atividade mais séria.

Sara Alexandra Pires Ramalhete

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré- Escolar

Orientadora Mestre Maria Celeste Ribeiro

Novembro 2016

"Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo,- é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda."

Antoine de Saint-Exupery

Um agradecimento especial ao meu marido, pelo apoio e pela compreensão das muitas horas que em consequência deste meu percurso acadêmico sentiu com a minha ausência, e à minha filha cujo sorriso e força que me transmite foi fundamental, principalmente nesta reta final.

Aos meus Pais e restante família e amigos pelo apoio e carinho incondicional.

Um agradecimento às minhas orientadoras de estágio, Professora Isabel Gerardo que me supervisionou na Prática de Ensino Supervisionada (PES) e um agradecimento especial à Professora Maria Celeste Ribeiro pela disponibilidade, incentivo e saber partilhado, de uma forma tão generosa. Bem hajam!

Por último um agradecimento especial, não só às crianças com que realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada, mas a todas que se têm cruzado comigo, porque foi delas que recebi a grande essência daquilo que sou hoje, é das mesmas que eu retiro as mil e uma cores para ir completando esta tela à qual chamo de vida!

## **Resumo**

Este relatório teve por base o trabalho desenvolvido ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, realizado com um grupo de onze crianças em valência de creche, numa sala com crianças dos 12 aos 24 meses de idade, numa instituição de índole particular.

Este estudo teve como objetivo perceber a importância do brincar na 1ª infância, que aprendizagens pode o adulto reconhecer na brincadeira da criança, o que usa para brincar quando brinca livremente e qual o papel do educador com a criança que brinca.

Os autores escolhidos para fazer a revisão de literatura foram, nomeadamente, Piaget, Portugal, Ferland e Azevedo.

Este estudo está focado nas brincadeiras espontâneas das crianças e não em atividades previamente programadas com elas. As observações decorreram das interações com as crianças umas com as outras e com os objetos que eu lhes disponibilizei ou que já existiam.

Foi utilizada uma metodologia de cariz qualitativo, interpretativo e os dados foram recolhidos numa observação participante e registados sob a forma de notas de campo.

**Palavras-chave:** Brincar, Brinquedo, 1ª Infância, Imitação.

## **Abstract**

This report was based on the work developed during the Supervised Teaching Practice, carried out with a group of eleven children in day-care center, ranging from 12 to 24 months of age, in a private institution.

This study aimed at understanding the importance of play in early childhood, what learnings can the adult recognize in the child's play, what he uses to play when he plays unattended and what role the educator plays with the child who plays.

The authors chosen to review the literature were, in particular, Piaget, Portugal, Ferland and Azevedo.

This study is focused on the spontaneous play of children and not on activities previously programmed with them. The observations came from the interactions of the children with each other and with the objects that I made available to them or that already existed.

A qualitative and interpretive methodology was used and the data were collected in a participant observation and registered as field notes.

**Keywords:** Play, Toy, Early-childhood, Imitation.

## Índice

<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Capítulo I – Enquadramento teórico-empírico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)</b>	4
2.1. Fundamentação do objeto de estudo	4
2.2. Revisão de literatura	8
2.2.1. Caracterização da criança entre os 12 e os 24 meses de idade	8
2.2.2. Aprender por imitação	9
2.2.3. O brincar e o brinquedo	12
2.3. Opções Metodológicas	18
<b>3. Capítulo II – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente</b>	22
<b>4. Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição</b>	27
4.1. Caracterização do grupo de crianças	29
<b>5. Capítulo IV – Considerações finais</b>	37
<b>Referências Bibliográficas</b>	41
<b>Anexos</b>	44

## 1. Introdução

O presente relatório final surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

O estágio onde foi feito o levantamento dos dados, decorreu na valência de creche numa instituição de índole particular, numa sala com crianças dos 12 aos 24 meses de idade, onde eu exercia simultaneamente funções de responsável de sala.

O foco deste estudo foi aprofundado através da observação de crianças dos 12 aos 24 meses aquando da sua brincadeira com diferentes objetos.

Nas áreas de aprendizagem definidas para a minha Prática de Ensino Supervisionada, foram vários os objetivos e os objetivos específicos que me propus alcançar, com a finalidade de me integrar no sistema educativo, desenvolvendo competências profissionais, definindo, consolidando, avaliando e fundamentando a intencionalidade e ação pedagógica.

No âmbito das relações interpessoais, tendo como objetivo desenvolver competências de relação com crianças, tive como objetivo específico demonstrar intencionalidade na relação educativa bem como na ação pedagógica.

No âmbito do desenvolvimento de competências de intervenção pedagógica, propus-me participar no projeto educativo, a fim de favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas, considerando a criança como sujeito do processo de aprendizagem.

Para desenvolver competências de registo e reflexão da ação educativa, foi de extrema importância refletir sobre a minha intencionalidade pedagógica, fundamentando e avaliando a ação de forma contextualizada.

Ao longo da minha prática pedagógica em creche foram alguns os temas que despertaram o meu interesse. Porém, um deles em particular chamou-me à atenção, por sentir ser a mais importante atividade que se pode proporcionar à criança – o brincar. Apesar de serem muitos os estudos e autores a defenderem o brincar como a atividade mais séria da criança, o brincar continua ainda a ser por vezes desvalorizado na própria ação educativa.

Na instituição onde realizei a minha prática pedagógica as crianças são provenientes de um meio socioeconómico alto, onde têm acesso a brinquedos muito sofisticados, pelos quais por vezes não mostravam particular interesse.

Para se ter uma ideia da importância do ato de brincar na construção do conhecimento é necessário que se observe uma criança a brincar.

Este estudo está focado nas brincadeiras espontâneas das crianças e não em atividades previamente programadas. As observações decorreram das interações das crianças umas com as outras e com os objetos que eu lhes disponibilizei ou que já existiam.

O reconhecer que a brincadeira organizada pela própria criança de forma espontânea e autónoma e o “brinquedo” que muitas vezes recria através da mesma são elementos fundamentais ao seu desenvolvimento em todas as suas esferas foi o âmbito alargado deste meu estudo.

O presente trabalho não pretende ser um caminho de sentido obrigatório, mas sim um olhar renovado sobre o valor do brinquedo/brincadeira, criado pela criança, tendo por base distintos recursos que podem contribuir para o seu desenvolvimento.

Todo o sentir do educador deve permitir um olhar perante aquela que se considera a atividade mais séria que uma criança desempenha – o brincar. O que é considerado brincar, como brinca a criança na 1ª infância, qual a atitude do educador foram

interrogações que apelaram à minha sensibilidade possibilitando uma reflexão que se espelha neste trabalho.

Este relatório é constituído por um capítulo em que faz a fundamentação do objeto de estudo que surge de uma reflexão da ação e que constitui como forma de intervenção pedagógica. Para o encaminhar definiram-se quatro questões de investigação:

1. Como brinca a criança desta faixa etária?
2. Ao brincar que aprendizagens pode o adulto reconhecer na criança enquanto ela imita?
3. Que brinquedos usa a criança enquanto brinca livremente?
4. Qual o papel do educador com a criança que brinca?

Para sustentar a procura das respostas fez-se uma revisão de literatura com autores de referência nomeadamente Piaget, Portugal, Ferland e Azevedo, que entre outros, se debruçam sobre a criança e o brincar. Por último, definiram-se as opções metodológicas, optando-se por um estudo de cariz qualitativo e interpretativo, com os dados recolhidos através de uma observação participante e registados sob a forma de notas de campo.

No capítulo seguinte aborda-se a instituição onde decorreu o estágio e as práticas decorrentes nela acerca do brincar.

No penúltimo capítulo e dado que este estudo não está focado nas atividades proporcionadas pelo educador mas sim na brincadeira livre, relatam-se as observações feitas e registadas em notas de campo. Analisam-se igualmente as mesmas à luz dos autores de referência escolhidos.

Por último, seguem-se as considerações finais onde se procura sintetizar as respostas encontradas e projetar novos caminhos de intervenção.

## **2. Enquadramento teórico-empírico da Prática de Ensino Supervisionada**

### **2.1. Fundamentação do objeto de estudo**

Este estudo surge no âmbito do contexto institucional e social onde estou inserida, suportado pelos princípios e valores por mim defendidos.

A instituição de índole particular onde estagiei encontra-se inserida numa zona residencial, calma e pouco movimentada, rodeada por espaços verdes, onde o estrato social das famílias é, maioritariamente, elevado.

Tendo em conta estes aspetos, bem como as características específicas das 11 crianças da sala dos 12 – 24 meses, observei que, tanto ao nível institucional como familiar, estas crianças têm acesso aos mais elaborados e diversificados brinquedos, distanciando-se, ao nível da brincadeira, da utilização de materiais de desperdício e materiais existentes na natureza, materiais estes que podem também apelar à criatividade da criança, não as condicionando ao uso e ao objetivo pré-determinados dos brinquedos comprados.

De facto, no decorrer da minha prática, surpreendi-me com a capacidade das crianças transformarem os objetos, dando-lhes outra forma e significado, enriquecendo o seu brincar.

De acordo com Cordeiro (2007), dos 2 aos 4 anos de idade

“surge a chamada ‘função semiótica’, que permite falar, desenhar, dramatizar. Entra em força a fantasia, o faz-de-conta e o jogo, enquanto veículo do simbólico (...) é uma aquisição muito importante, porque o desejo se pode transformar em realidade, através das imagens mentais.” (p.34).

Sendo eu uma pessoa sensível ao outro e ao meio, não consigo deixar de ter o olhar cativado perante esta capacidade inata da criança.

Acredito e defendo que o desenvolvimento da criança está intimamente ligado a tudo o que a mesma experiencia. Logo cabe ao Educador promover essas mesmas experiências, não esquecendo dois elementos essenciais em educação: a intencionalidade educativa e a criatividade.

As crianças são criativas e a sua imaginação não tem fim. Tal como tenho observado, as crianças dão uma utilização simbólica aos objetos. Sendo assim porque é que nós educadores tendemos a dar somente às crianças brinquedos com funções pré-determinadas em vez de objetos que possam explorar?

A nota de campo que passo a apresentar ilustra bem a capacidade da criança reinventar o objeto.

O F. (2 anos e 4 meses), dirige-se até à caixa onde se encontram os utensílios de cozinha. Ajoelha-se junto da caixa e tira-lhe a tampa. Debruça-se por cima da caixa e tira lá de dentro uma frigideira de plástico. Coloca a frigideira no chão. Debruça-se novamente na caixa e tira lá de dentro uma maçã de plástico. Segura na frigideira e na maçã de plástico. Coloca-se em pé. Coloca a maçã dentro da frigideira. Lança a maçã ao ar.

O T. (1 ano e 11 meses) está no cantinho da leitura a ver um livro. Olha para o F.. Larga o livro. Dirige-se apressadamente até junto da caixa dos utensílios de cozinha. Ajoelha-se. Debruça-se na caixa e tira lá de dentro uma laranja de plástico. Coloca a laranja no chão. Debruça-se novamente na caixa e tira lá de dentro uma frigideira de plástico. Segura na laranja e na frigideira. Coloca-se de pé. Coloca a laranja dentro da frigideira e lança a laranja ao ar. Olha para o F. e riem-se os dois um para o outro.

Nota de Campo nº 22 de 17/3/2011

Uma vez que o próprio Projeto Educativo da Instituição tem como objetivo “criar um espaço que proporcione aos mais pequenos horas divertidas com características criativas e inovadoras num ambiente seguro e acolhedor”, procurei, desde sempre perceber como o brincar pode dar voz a um espaço e um tempo de qualidade que permita o desenvolvimento da criança no seu todo.

Proporcionei a estas crianças, aquando da brincadeira, para além dos brinquedos existentes na instituição, objetos considerados de desperdício como, por exemplo, rolos de papel higiénico, caixas de ovos, caixas de papel, pedaços de tecido, entre outros, bem como materiais existentes na natureza como paus e pedras, deixando-as brincar espontaneamente.

Procuro assim dar valor ao incrementar a criatividade enquanto elemento promotor do desenvolvimento do ser humano. Como sublinha Amabile (1996), citado por Homem, Gomes e Montalvão (2009)

A semente da criatividade já se encontra na criança: o desejo e o impulso de explorar, de descobrir coisas, de tentar, de experimentar modos diferentes de manusear e examinar os objetos. Enquanto crescem, as crianças vão construindo universos inteiros de realidade em suas brincadeiras. (p.42).

Nesse sentido baseada em diferentes autores, acredito que a criatividade pode assumir um papel fundamental no desenvolvimento da criança, enquanto elemento facilitador da sua apropriação do mundo que a rodeia. A seguinte nota de campo evidencia-o:

O V. (1 ano e 11 meses) entra na sala. Dirige-se até à caixa dos tacos de madeira. Ajoelha-se. Tira a tampa da caixa. Tira uma peça de madeira. Coloca a peça de madeira no chão na posição vertical. Tira outra peça de madeira de dentro da caixa. Coloca-a na posição horizontal em

cima da outra peça de madeira. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal em cima da peça que colocou anteriormente. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal, em cima da peça que colocou anteriormente.

A torre cai. O V. diz: “Oh!” Olha para trás. Senta-se. Cruza as pernas. Coloca uma das peças de madeira na posição vertical, à sua frente. Apanha outra peça de madeira do chão e coloca-a ao lado da outra peça de madeira. Apanha outra peça de madeira e coloca-a ao lado das outras. Vira-se. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal ao lado da outra.

O V. fica situado no centro e à sua volta estão os tacos. Diz: “É elefante” e coloca o braço à frente da face fazendo o som do mesmo.

Nota de Campo nº 25 de 23/3/2011

Foram momentos como este nos quais as crianças demonstram a sua capacidade de relacionar e construir algo pessoal que me possibilitaram ter uma maior percepção de como esta construção as conduz a um mundo de inesgotáveis aprendizagens.

O objeto de estudo deste meu relatório emergiu do brincar da criança desta faixa etária enquanto promotor de aprendizagens. Perceber qual a importância do brinquedo na brincadeira da criança, focou o objeto de estudo.

Para poder encaminhar o estudo defini as seguintes questões de investigação:

1. Como brinca a criança desta faixa etária?
2. Ao brincar que aprendizagens pode o adulto reconhecer na criança enquanto ela imita?
3. Que brinquedos usa a criança enquanto brinca livremente?
4. Qual o papel do educador com a criança que brinca?

## **2.2. Revisão de literatura**

De forma a fundamentar a minha recolha empírica, investiguei alguns autores de referência que fossem ao encontro do meu problema, tendo por base a faixa etária dos 12 aos 24 meses e mais especificamente a forma como o brincar/brinquedo fomentam o seu desenvolvimento global.

Início o meu estudo direcionando-o para uma recolha das características desta faixa etária.

### **2.2.1. Caracterização da criança entre os 12 e os 24 meses de idade**

Com um ano, a criança encontra-se no período sensório-motor, conquistando o mundo que a rodeia através da própria ação. Atua sem refletir, procura a satisfação imediata. Nesta fase a curiosidade da criança caracteriza-se essencialmente na ação. As capacidades físicas inerentes a esta faixa etária já lhe permitem agarrar objetos com maior destreza, fazer diferentes gestos e deslocar-se com uma maior desenvoltura, o que vai possibilitar à criança uma maior autonomia, tornando-se mais ativa e apta a novas descobertas.

Por volta dos 12 meses, aperfeiçoa-se a relação causa-efeito, a criança apercebe-se do que a sua ação provoca uma reação, não só sobre os objetos, mas também no outro.

Mais tarde, por volta dos 18 meses, a criança já consegue utilizar objetos pela sua função, e posteriormente já conseguirá dar outro significado aos mesmos, começando dessa forma a desenvolver o jogo do faz-de-conta.

Mas é por volta dos 24 meses que começamos a assistir à brincadeira paralela, ou seja a criança sente prazer por estar na presença de outras crianças, sem todavia

participar nas suas brincadeiras. Somente mais tarde por volta dos 3 anos, sente prazer em brincar com os pares, sendo as disputas uma constante.

Segundo Piaget e Inhelder (1979) a criança encontra-se na fase caracterizada pela permanência do objeto, embora não o tenha presente (procura um objeto que lhe retiramos depois de lho termos mostrado), e pela experimentação-ação; explora, investiga a realidade que a rodeia e observa os resultados das suas diferentes experiências (atira objetos ao chão para os ver cair). As explorações que a criança realiza sobre os objetos, de forma ativa, vão-lhe permitindo experimentar e descobrir as suas propriedades.

A partir dos 18 meses, dá-se um novo passo no aspeto cognitivo – representação – a criança é capaz de representar mentalmente os movimentos, sem necessidade de os executar (não sobe a uma cadeira porque pode cair, desce as escadas de costas porque é mais seguro).

Começam as primeiras competências sociais: gosta de mostrar as suas graças, de cumprir com algumas ordens, de brincar. Adota um comportamento sociável. É capaz de ter medo, afeto e simpatia.

Inicia-se na autonomia, comendo sozinha. O controlo dos esfíncteres é irregular. Colabora no vestir.

É notável o aumento de vocabulário, escuta as palavras com muita atenção e repete-as. Utiliza duas ou três palavras em estilo telegráfico (i.e “meu carro”).

### **2.2.2. Aprender por imitação**

Durante o período sensório motor o interesse da criança está orientado para os aspetos físicos da sua ação. Um bebé constrói os objetos e aprende o que lhes acontece quando os empurra, os puxa, os agita e os deixa cair.

Kamii (1996)

Estas conquistas são sustentadas por meio da ação que exerce sobre os objetos onde o corpo e os sentidos são o suporte desta estrutura que viabiliza a criança a explorar o mundo. Esta ação direta sobre os objetos é a base da construção daquilo que Piaget denomina como conhecimento físico. Para Piaget, ainda segundo Kamii (1996) de modo a que criança possa construir conhecimento lógico-matemático deve ter muitas e diversificadas experiências que lhe permitam estabelecer relações entre as diferentes características que interiorizou através daquelas ações.

Na fase sensório motora a ação sobre os objetos é um dos aspetos fundamentais das vivências das crianças.

Como já foi dito anteriormente, segundo Piaget, as crianças entre os 12 e os 24 meses, encontram-se na fase sensório motora; a criança aprende a realidade através dos sentidos e do seu próprio corpo.

Entre os 12 e os 18 meses, desperta na criança o interesse pelo outro, a criança começa a sentir curiosidade pelo mundo que a rodeia e torna-se um observador de tudo aquilo que existe em seu redor. É desta observação que nasce uma das maiores fontes de aprendizagem.

Para Ferland (2006)

“A partir dos 12 meses, a criança começa gradualmente a interessar-se pelos pares, de início por curiosidade e de seguida como potenciais parceiros. Por volta dos 18 meses, a criança observa os outros a agir, sem por isso partilhar das suas brincadeiras. O seu prazer deriva do simples facto de estar ao seu lado: trata-se da brincadeira paralela. Observa o que fazem, como brincam, como lhes reagem o adultos e, mediante este estudo, aprendem gradualmente como se comportar junto dos outros, preparando-se para integrar jogos. Esta brincadeira paralela é, portanto, fonte de aprendizagem para a criança: permite-lhe conhecer os outros, que se tornam de certa forma modelos a imitar (p. 146-147).

São muitos os autores que nos descrevem as diferentes formas de imitação.

Piaget e Inhelder (1979) apontam que Piaget descreveu pela primeira vez um fenómeno denominado de imitação diferida. Descreveu-o como sendo a repetição de um comportamento atrasado em um momento posterior do que quando realmente aconteceu.

Os mesmos autores (1979) observam que esta capacidade surge em crianças entre os 18 e 24 meses. As crianças desta idade são incapazes de manter memórias de comportamentos e recuperá-las mais tarde; eventualmente desenvolvem a capacidade de representar mentalmente o comportamento na sua mente e repeti-lo.

Já Guillaume (1925) referido por Teyssèdre e Baudonnière (1997) aponta que a imitação é uma função da aprendizagem muito importante e não exclusiva da espécie humana. Este autor fala em imitação imediata e diferida. Sendo que descreve a imitação imediata como sendo aquela que é feita face ao objeto a imitar e a imitação diferida ocorre posteriormente à observação do facto a imitar.

A criança por volta dos 18 meses começa a dar significado ao objeto.

“Por volta dos 18 meses, a criança compreende a verdadeira utilidade dos objetos e usa-os em função dela. [...] Anteriormente servia-se dos objetos de forma isolada; agora, começa a combiná-los. A criança aprende facilmente o funcionamento de um novo brinquedo. Na fase precedente tentava saber para que serviam os objetos; nesta, inventa-lhes novas funções. Reproduz cenas da vida quotidiana e as suas imitações nem sempre se dão, como anteriormente, em tempo direto; doravante, é capaz de recriar uma situação que observou alguns dias antes”. (Ferland, 2006, p.78)

### 2.2.3. O brincar e o brinquedo

A criança ao brincar está a organizar o pensamento e, desse modo, está a apropriar-se do mundo; por outro lado o brincar também funciona como um canal de libertação das suas angústias, medos e frustrações.

Também Ferland (2006) afirma que “brincar é também experimentar um sentimento de controlo sobre o ambiente e as próprias ações, é sentir que domina parte da vida ” (p.43).

Brincar proporciona à criança uma sensação de poder num mundo concebido para os adultos. Torna-se fonte de gratificação e contribui para reforçar a sua autoestima.

Importa definir o que é brincar porque para muitos a sua definição passa pelo senso comum de que uma criança estar a brincar é estar entretida.

Ao longo da história da humanidade foram inúmeros os autores que se interessaram, direta ou indiretamente, pela questão do brincar, do jogo e da brincadeira.

Do ponto de vista de Oliveira (2000) o brincar não significa apenas recrear, mas sim desenvolver-se integralmente, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo. Ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a sua vida. Todavia, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas como da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Muitos autores defendem que a brincadeira não é a mesma coisa que jogo. É por exemplo o caso de Kishimoto (2002). Brincar é uma ligação íntima com a criança, na ausência de um sistema de regras que organizam a sua utilização. Nesse sentido é

necessário perceber qual a importância dos brinquedos que colocamos à disposição das crianças, e se será a sua qualidade importante? A quantidade? A diversidade?

De facto é uma realidade presente em muitos lares, o exagero de brinquedos quando o mais importante não é a quantidade, mas sim a variedade e a qualidade dos mesmos. Muitas vezes as crianças é que constroem o seu próprio brinquedo, valorizando-o na sua brincadeira.

A criança ao deparar-se com uma enorme quantidade de brinquedos pode correr o risco de se desinteressar, manipulando os mesmos sem se envolver efetivamente com eles. Como sublinha Laevers (1993), citado por Oliveira- Formosinho (2010):

“que o nível de envolvimento evidenciado por uma criança é um indicador- chave da qualidade e eficácia dessa experiência de aprendizagem. O envolvimento reflete também o interesse e a relevância que essa atividade tem para a criança. Os níveis de envolvimento são deduzidos da presença ou ausência de uma série de sinais de envolvimento que incluem: concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, linguagem, satisfação.” (p.10)

Tal como está consagrado no 7º artigo da Declaração dos Direitos da Criança (UNICEF 20 novembro 1959) podemos ler: “A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos”.

Desta forma, fica expresso que o “brincar é mais que uma necessidade da criança, sendo uma fonte de aprendizagens mas, acima de tudo, é um direito da criança – assim reconhecido formalmente na Declaração dos Direitos da Criança”. (Santos, 2009, p.7),

estando “a par das necessidades básicas de nutrição, saúde, habitação, educação e afeto” (Azevedo, 2001, p.126).

Segundo Santos (2010)

“nem sempre compreendemos a importância de brincar, sobretudo no Mundo competitivo de hoje, em que a tentação é evitar que as crianças percam tempo com brincadeiras e o desejo é que o ocupem com atividades aparentemente mais construtivas. Para a criança, no entanto, não há atividade mais construtiva que brincar” (p.3).

Ferland (2006) acresce,

“enquanto a brincadeira é uma atividade importante da infância, o brinquedo é apenas o seu instrumento. Os dois não são sinónimos. O brinquedo não faz a brincadeira e a brincadeira nem sempre requer brinquedos. Todavia, o brinquedo revela-se [...] um apoio para a brincadeira e é, muitas vezes, um mediador por excelência na interação com os outros” (p.122).

Muitas vezes são desvalorizados diversos materiais que fazem parte integrante do nosso quotidiano em prol de brinquedos elaborados, condicionando dessa forma o desenvolvimento da criatividade da criança.

Atualmente vivemos numa sociedade materialista, cientista, em que o homem vive só com o objetivo de satisfazer as suas “necessidades” humanas (vida confortável, saúde, passatempos entre outros) paralisando/bloqueando as suas forças de imaginação e criatividade, não dando valor a pequenos (grandes) momentos da vida. O brilho do sol, o cheiro da brisa do mar, o toque da mão de um amigo, o saborear de uma laranja à sombra de uma laranjeira, o som do vento quando bate nas folhas, o som do cair da chuva, o cheiro da terra molhada, entre outros. Aquela qualidade que nasceu com todos nós e que vai desaparecendo ao longo da vida – a sensibilidade – sendo envolta pelo manto ao qual chamamos consumismo.

Existem brinquedos manufaturados e materiais de exploração aberta, que consistem em materiais do dia-a-dia (por exemplo, caixas de cartão, trapos, rolos de cartão, revistas...). Estes materiais de exploração aberta são riquíssimos em possibilidades, pois “quanto mais polivalente for um brinquedo, tanto mais tempo a criança se interessará por ele. De certa forma, um brinquedo polivalente cresce com ela e poderá utilizá-lo de maneiras diferentes ao longo do seu desenvolvimento” (Ferland, 2006, p.124).

Indo ao encontro dessa ideia, Ferland (2006) afirma que:

“vivemos num mundo [...] que valoriza a rapidez, a performance, a competição e o êxito social. As pressões exercidas por este frenesim do desempenho [...] De fato, desde o berço, estes são cercados por expectativas de rendimento; espera-se que se desenvolvam com rapidez, que realizem aprendizagens muito precocemente. Hoje em dia, a competição começa à nascença. Que a criança seja a melhor, ocupe o primeiro lugar, seja precoce na marcha, na fala ou no funcionamento em grupo, eis o que deixará o seu meio feliz. De certa forma, esperamos que os nossos filhos envelheçam antes de tempo” (p. 30).

Por o brincar espontâneo ser uma forma prazerosa de a criança aprender e se desenvolver, é perspectivado como não requerendo “qualquer esforço da parte da criança. Nada poderia ser mais falso: como é agradável, a criança investe nele muita energia e esforço, mais do que numa atividade desagradável ou que a deixe indiferente” (Ferland, 2006, p.46). Embora nem sempre consciente disso devido à sua motivação intrínseca, a criança necessita de se esforçar, aplicando todas as suas competências para se superar a si mesma e às suas dificuldades/limitações.

Para a criança, no entanto, não há atividade mais construtiva que brincar (Santos, 2015). Concluindo, o brincar espontâneo é importante porque para, Kishimoto (2010) referida por Santos (2015),

“gera inúmeras possibilidades como a criança tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o Mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamem a atenção, solucionar problemas e criar”(p.12)

Também Ferland (2006) nos fala dos brinquedos como sendo instrumentos para jogar e ter prazer; alertando-nos para a vantagem dos brinquedos serem variados, ao invés de numerosos. A mesma autora transmite-nos a necessidade de deixarmos ao alcance das crianças, brinquedos não apenas manufaturados e ditos educativos, pois os brinquedos caseiros oferecem possibilidades igualmente ricas.

Ferland (2006) afirma que,

“quanto mais polivalente for um brinquedo, tanto mais tempo a criança se interessará por ele. De certa forma, um brinquedo polivalente cresce com ela e poderá utilizá-lo de maneiras diferentes ao longo do seu desenvolvimento.”  
(p.124).

Brincar é pois a atividade mais importante da criança devendo ser-lhe proporcionado espaço e tempo de qualidade para que ela possa exercer essa atividade fundamental para o seu desenvolvimento.

O adulto deve ter bem presente que para ser considerado brincar a sua ação não pode interferir sistematicamente na ação da criança.

Azevedo (1996) cita-nos que para que se possa afirmar que a

“atividade em que o sujeito se envolve é brincar, será necessário ter alguma garantia de que este teve a oportunidade de escolher livremente e de decidir sobre o que fazer. Como agir, como orientar o desenrolar da atividade é também uma decisão que compete àquele que nela está envolvido; o controlo é por isso

interior. As regras que orientam a atividade não dependem de qualquer pressão exercida pelo exterior. (p.41)

A criança deve ter o controlo e decidir as regras para que efetivamente seja considerado brincar.

Já Krasnor e Pepler, (1980); Rubin et al. (1983); Van der Poel, (1994), referidos por Azevedo (1996) apontam a necessidade de distinguir brincar de não brincar, atendendo a fatores como o controlo da brincadeira (brincar ocorre apenas quando é a criança que decide o que vai fazer e como vai fazer) e a motivação (a criança envolve-se na brincadeira sem nenhum objetivo final, apenas por puro prazer), isto é, não deve de haver nenhum apelo exterior que oriente a brincadeira

Como nos diz Azevedo (1996)

“Do ponto de vista daquele que brinca, brincar é, ao contrário do trabalho, uma atividade não séria, autocontrolada, cuja satisfação é intrínseca. Basicamente, o que distingue brincadeira de trabalho, é a maior preocupação que, nas atividades de trabalho, se deve ter relativamente aos resultados finais, ao contrário da brincadeira, cujo objetivo reside no prazer obtido pela própria atividade.” (p.40)

Brincar tem de ser uma genuína forma de expressão do sentir das crianças.

Azevedo (1996) afirma igualmente que o brincar deve estar ligado a uma conceção de liberdade no que se faz e como se faz, devendo ser a criança a fazer as escolhas e o modo de atuar.

Nem tudo o que a criança faz, mesmo com prazer pode ser considerado brincar.

Na primeira fase do desenvolvimento da criança a brincadeira é apenas uma forma exploratória do seu agir sobre as coisas. Nesta faixa etária as crianças, ainda muitas vezes se encontram nesta fase exploratória do brincar.

No entanto, enquanto brinca, a criança frequentemente imita o que está a acontecer ou situações já vividas anteriormente, por si, em diferentes contextos.

Quanto ao papel do educador “A sensibilidade de saber como e quando intervir no brincar – ou não – é necessária e depende do conhecimento a respeito das crianças e da natureza do próprio brincar.” (Abbot, citado por Dulce Ferreira, 2010). (p. 12)

Mais uma vez o educador aparece como o mediador e não como aquele que impõe uma ação desvirtuando a essência do brincar.

### **2.3 Opções Metodológicas**

O relatório da Prática de Ensino Supervisionada insere-se no posicionamento do tipo paradigmático interpretativo e apresenta perspetivas da pesquisa qualitativa, pois pretendo analisar e compreender a realidade na qual estava inserida enquanto estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Os dados deste estudo foram recolhidos através da observação direta de um grupo de crianças em contexto de sala de creche, com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses. A observação efetuada é uma observação participante, dado que eu me encontrava inserida no próprio contexto fazendo parte integral do mesmo, intervindo nalguns casos na observação efetuada.

Nesta fase, pretende-se:

1. Consolidar o meu conhecimento dos conceitos relacionados com a prática metodológica, definindo e descrevendo os diversos passos (posicionamento paradigmático; as notas de campo; descrição dos procedimentos).
2. Relacionar esses passos, de forma coerente e objetiva, com o problema de investigação que me proponho desenvolver, ou seja, tenciono elaborar uma análise dos

dados descritos/observados, não tendo no entanto a pretensão de encontrar uma resposta final para a minha problemática, tendo como base uma investigação participante, na qual eu sou o instrumento principal da investigação enquanto elemento que recolhe dados sobre ações, opiniões e perspectivas, sendo que uma observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende compreender, num meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas atividades/vivências das pessoas que nele vivem.

A palavra paradigma refere-se, na obra de Bogdan e Biklen (1994, p.52) “ (...) ao conjunto aberto de asserções, conceitos ou proposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação”.

Por outras palavras trata-se de métodos, valores, convicções, que se relacionam entre si e que são concebidos como modelo/padrão e que são partilhados por todos os elementos de uma comunidade científica.

Trata-se de um paradigma interpretativo, uma vez que o que se pretende é em primeiro lugar conhecer o comportamento dos intervenientes no seu contexto, para posteriormente desenvolver e aprofundar uma situação/problema e compreendê-la através da visão do investigador.

A investigação qualitativa, citando os mesmos autores (1994, p. 47-51), possui cinco características:

1. “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. (...) Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem”. Neste caso específico procedemos em

primeiro lugar à elaboração da caracterização do contexto institucional e dos intervenientes onde o problema se insere.

2. “A investigação qualitativa é descritiva”, pois (...) “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números.”

Em concreto, neste estudo, os dados recolhidos estão registados em forma de palavras sob a forma de notas de campo. “A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados.”

3. “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.”
4. “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.”
5. “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.”

No problema em questão à medida que os dados recolhidos se foram agrupando tenta-se investigar no contexto da brincadeira, numa sala em que os intervenientes são crianças dos 12 aos 24 meses de idade e a estagiária em Educação Pré-escolar perceber como a criança brinca, com quem brinca e como estabelece ou não relação com outras crianças.

Como registo dos dados, no presente trabalho científico irei fazer uso de Notas de Campo. Segundo os autores acima mencionados (1994, p.150), Nota de Campo é um “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da

recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. É portanto um dado escrito em forma de palavra que se pretende que seja escrito de forma minuciosa.

Bogdan e Biklen apresentam várias sugestões sobre o que deve ser incluído nas Notas de Campo. O conteúdo das observações deve conter uma parte descritiva e uma reflexiva. A parte descritiva compreende um registo detalhado do que ocorre no campo. A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, efetuadas durante a fase de colheita: as suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções.

### **3. Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente**

A instituição onde realizei a prática de ensino supervisionada é de índole particular.

No ano 1993 um grupo de profissionais de educação abriu uma ludoteca com atividades extra curriculares como aulas de ballet, música e inglês.

No ano 2000 e em virtude de um objetivo comum que se pretendia com a abertura de um espaço para crianças dos 4 meses aos 36 meses, tendo por base um espaço que proporcionasse aos mais pequenos horas divertidas com características criativas e inovadoras num ambiente seguro e acolhedor, deu-se início à creche.

Em setembro do ano de 2008 dá-se a mudança de instalações para um espaço mais amplo e com mais salas, a fim de promover a qualificação da oferta; ano em que iniciei as minhas funções na mesma. No ano acima referido a valência de creche era constituída por uma sala de berçário, duas salas de 1 ano, e três salas dos 2 anos.

A direção era constituída por dois elementos, sendo que um dos elementos exercia a função de psicóloga, estando o outro elemento direcionado para a gestão e para tudo o que era inerente à parte dos recursos humanos.

Faziam parte da mesma equipa ainda cinco educadoras de infância, sendo que uma assumia as funções de coordenação, duas educadoras estagiárias, cinco auxiliares de educação, uma professora de psicomotricidade, uma professora de música e movimento, um professor de expressão musical.

Esta instituição situasse numa zona nobre de Lisboa, residencial, calma e pouco movimentada, rodeada por espaços verdes, onde o estrato social das famílias é, maioritariamente, elevado.

O horário de funcionamento da creche era das 8 horas às 19 horas de segunda a sexta-feira, sendo que das 17 horas às 19 horas era considerado prolongamento.

A instituição não seguia nenhuma metodologia específica nem se orientava pelos manuais processos chave da segurança social, apoiando a sua prática pedagógica no projeto educativo da instituição.

A creche dá asas a um projeto inovador que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança fazendo com que sintam-se segura, feliz e confiante no seu dia-a-dia, construindo uma imagem positiva de si própria.

O trabalho desenvolvido com as crianças nesta instituição pressupõe desenvolver aspetos afetivos, sociais, cognitivos, e motores, proporcionando um conjunto de vivências diárias que contribuam para a sua socialização e aprendizagem da autonomia; estabelecer vínculos afetivos com os adultos e crianças, expressando emoções, sentimentos, desejos e necessidades, ampliando cada vez mais a sua capacidade de comunicação e interação social, colaborar com a família promovendo uma constante troca de informação e ajuda, delineando estratégias comuns de atuação; ampliar as relações sociais, aprendendo a respeitar a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração para com os outros.

Nesta instituição valorizam-se as rotinas e os tempos de atividades livres, em prol das atividades planeadas, ainda que adequadas. Acreditando que as crianças muito pequenas não se desenvolvem bem em ambientes muito planeados, onde se realizam atividades em grupo dirigidas por um adulto, mas em contextos calorosos e atentos às suas necessidades individuais.

De acordo com Portugal (2000) elaborar um projeto para creche é mais do que planejar atividades, “o principal não são as atividades planeadas, mas sim as rotinas e os

tempos de atividade livres”, criando momentos e espaços harmoniosos e tendo em conta as suas necessidades individuais.

O que as crianças na 1ª infância, necessitam “ é de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas” sendo para isso primordial que exista “uma relação com alguém em que confiem” num “ambiente seguro, saudável e adequado” ao desenvolvimento das crianças, onde tenham oportunidades de explorar, experienciar através de todos os seus sentidos. (p.89).

A criança e o adulto devem de estar totalmente envolvidos numa mesma tarefa, sendo o principal objetivo do adulto o de manter a criança envolvida na interação. Por exemplo o mudar de fraldas, o vestir, o comer, etc, são tempos educativos.

O tempo de qualidade constrói-se numa rotina diária. O adulto deve estar totalmente presente, atento ao que se passa, valorizando o tempo que está junto da criança.

Durante a interação o adulto deve articular atos com palavras, mesmo que diga pouco, deve ter significado e estar relacionado com a ação, deve ensinar palavras e linguagem contextualizada, falando naturalmente.

Para além das palavras o adulto também deve comunicar com o seu corpo em resposta à comunicação das crianças, por exemplo através do olhar, sorrindo, etc.

O educador deve respeitar a criança, respeitando os sentimentos da criança e o direito de ela os expressar. O adulto deve dar apoio e estar disponível.

O educador deve ser um modelo de comportamento aceitável tanto para as crianças como para os outros adultos dando o exemplo de cooperação e comunicação. Deve deixar a criança lidar com os seus “problemas” na medida das suas possibilidades, deve dar tempo e liberdade para resolver “problemas”, a fim de desenvolverem a sua autoestima, confiança e autonomia.

Para que a criança aprenda a confiar, necessita de que o adulto lhe transmita confiança. Necessita de saber que as suas necessidades serão satisfeitas dentro de um período razoável.

O desenvolvimento não pode ser apressado. Cada criança tem um ritmo diferente, há que respeitá-lo. O modo como o adulto pode ajudar no seu desenvolvimento é encorajando cada criança a realizar situações que lhe interessem.

Os educadores que trabalham com crianças de creche necessitam de qualidades muito especiais e de conhecimentos e formação adequada no fornecimento de experiências de aprendizagem e desenvolvimento.

Segundo Portugal (1998):

”a creche não é apenas um lugar de guarda das criança mas sobretudo um meio educativo. A ação pedagógica deve ser baseada em princípios educativos, mesmo que implícitos e automatizados, de forma a justificar, fundamentar e até mesmo explicar os porquês do que se faz, bem como facilitar uma avaliação mais reflexiva e rigorosa do que é feito”. (p.124)

O bem-estar e desenvolvimento das crianças mais pequenas requerem educadores com conhecimentos sobre o comportamento e desenvolvimento das crianças, capazes de compreender e reconhecer as suas diferentes necessidades e promover a exploração, respeitando a sua curiosidade natural e ritmos.

A instituição privilegia o desenvolvimento da criança através da arte expressão plástica, acreditando que a mesma promove a exploração/experimentação da criança, elementos essenciais quer para o seu desenvolvimento, quer para a apropriação do mundo que a rodeia.

Os adultos planeiam dedicando espaço e tempo adequados ao brincar da criança.

Na instituição o brincar é privilegiado enquanto elemento fundamental, para o desenvolvimento da criança, dispondo a mesma de espaços interiores/exteriores, pensadas e organizadas nesse sentido.

Embora as crianças tenham acesso a materiais diversificados adequados às suas faixas etárias e tenham a possibilidade de ter contacto com a natureza através do manuseamento da areia e outros materiais da natureza existentes no jardim exterior, senti que podia ir mais além no que respeita ao desenvolvimento da criatividade das crianças através do brincar, e assim após uma reflexão cheguei à conclusão que o mesmo poderia ser realizado, através de objetos considerados de desperdício como, rolos de papel higiénico, caixas de ovos, caixas de papel, bem como de materiais existentes na natureza como paus, pedras, deixando-as brincar espontaneamente, dando-lhes acesso a esses materiais.

#### **4. A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição**

O estágio da valência de creche decorreu numa instituição privada, maioritariamente frequentada por crianças de meio sociocultural alto. O meu papel de estagiária cruzava-se com o de responsável de sala onde estagiei sob a orientação da coordenadora da creche. As práticas educativas observadas na sala eram focadas na criança compreendida como um ser em desenvolvimento, portador de características únicas, interesses e necessidades a que se tinha de dar resposta.

A importância atribuída ao espaço onde a criança passava grande parte do dia era grande e o espaço exterior aproveitado de forma muito frequente.

A disponibilidade de um tempo de ação, promotor de aprendizagem, era possibilitada a cada criança em função da sua especificidade, dando-lhe tempo e oportunidade de escolha sempre que possível. Toda a prática educativa estava baseada no estabelecimento de relação e a afetividade era o suporte da construção da sua autonomia. O bem-estar da criança era a preocupação preponderante no dia-a-dia onde as rotinas eram vividas como momentos únicos de construção recíproca de relação e oportunidade de aprendizagens.

Brincar era a atividade por excelência, indo ao encontro dos objetivos do Projeto Educativo, abordando todas as áreas de desenvolvimento. Durante este ano letivo, dei maior ênfase à experimentação/exploração, acreditando que a criança através destes descobre o mundo que a rodeia.

Brincar é uma atividade essencial à vida e ao desenvolvimento da personalidade da criança na qual o brinquedo representa o elemento dialogante com a imaginação e a fantasia infantil. É a brincar que as crianças crescem, exprimem sentimentos e resolvem conflitos.

A criança aprende brincando. Através da brincadeira e dos sentidos ela desenvolve a atenção, a imaginação e a memória. Para além de estimular a curiosidade, promover a autonomia e a autoconfiança também proporciona o desenvolvimento da linguagem e da concentração.

Segundo Oliveira (2000), a criança brinca desde sempre. Começa por brincar com o seu corpo, com os objetos e com os adultos de referência. Posteriormente brinca com outras crianças, brinca ao faz de conta e começa a estabelecer relações com os pares.

O principal objetivo que suportava a ação educativa do educador em cada uma das salas da creche era ajudar a criança a conseguir o sentimento de sucesso nas suas descobertas e conquistas, de comunicação, de relação afetiva, social, linguística, psicomotora, de expressão perceptiva e cognitiva, ou seja, ajudá-la a crescer.

Para o ano letivo era proposto proporcionar um ambiente estável e acolhedor para que a criança se sentisse feliz e confiante, rico em estímulos que promovessem a criatividade e iniciativa, a autonomia e o conhecimento de si próprio, respeitando a individualidade e o ritmo do grupo em geral e de cada criança em particular.

As atividades propostas partiam do interesse das crianças. Cabia ao educador facilitar e apoiar aprendizagens que tivessem como base a capacidade de observar, o desejo de experimentar e a curiosidade das crianças. Valorizava-se a estabilidade das relações que a criança estabelece na creche promovendo a criação de vínculos afetivos com os adultos e com as outras crianças. Cada criança era incentivada a expressar as suas emoções, sentimentos, desejos e necessidades de modo a ampliar cada vez mais a sua capacidade de comunicação e interação social. As aprendizagens resultavam de toda uma troca de saberes: crianças – pares e/ou criança – adulto(s). A brincadeira era um foco primordial do educador na observação das crianças.

Em todo este trabalho estava sempre presente a preocupação de promover continuamente o carácter lúdico, a exploração de ideias e materiais, o registo, a comunicação das descobertas e, ainda, o respeito pelo ritmo próprio de cada criança.

Esta possibilidade de exploração nesta faixa etária e nestas crianças permitia uma aproximação cada vez mais completa das crianças ao brincar. A reflexão sobre esses momentos de observação concretizava, à posteriori, a importância que deveria ser atribuída na sala ao tempo de brincar, promovendo-o.

#### **4.1. Caracterização do grupo de crianças**

O meu estágio decorreu numa sala de 1 ano com crianças dos 12 aos 24 meses, sendo que com o decorrer do ano letivo cheguei a observar crianças com 28 meses de idade. O grupo era constituído por 11 crianças, sendo que 3 crianças eram do sexo feminino e 8 crianças do sexo masculino.

As crianças que tive oportunidade de observar eram bastante curiosas e expressivas, mostrando uma imensa vontade de conquistar o mundo à sua volta, através da sua própria ação.

Tratava-se de um grupo de crianças bastante autónomas, onde todas já tinham adquirido a marcha. Mostravam-se bastante envolvidas aquando do tempo destinado à brincadeira, às histórias, às atividades de expressão plástica e às sessões de expressão musical.

A sua adaptação ao espaço, ao tempo (rotinas), aos adultos e aos pares foi bem aceite por parte de todas, não mostrando assim por parte delas qualquer desconforto ou insegurança. Conheciam os amigos e adultos da sala pelo nome.

Todas as crianças mostravam ter uma boa relação com os adultos da sala preferencialmente, bem como os adultos de toda a instituição. Já mostravam ter interiorizado algumas regras elementares como: estar sentado na mesa durante as refeições, lavar as mãos antes e após as mesmas, estar sentados na hora do conto, brincar enquanto as outras realizavam atividades de expressão plástica.

Se no início da minha observação as crianças brincavam sozinhas, com o decorrer do ano letivo foi notório a brincadeira em paralelo e com algumas das outras crianças da sala, ou seja brincavam ao lado das outras crianças e não com elas. Esta é uma fase normal do desenvolvimento desta faixa etária, o egocentrismo. Encontram-se junto das outras crianças, por vezes observam o que as outras fazem, mas na maioria das vezes interessam-se somente pelo aquilo que ela própria está a fazer.

No que diz respeito à linguagem, todas as crianças entendiam perfeitamente o que os adultos lhe queriam transmitir e com o decorrer do ano letivo começaram a verbalizar primeiro palavras soltas e depois construindo frases simples. O desenvolvimento do vocabulário, incluindo a capacidade de compreender e usar as palavras, foi especialmente notório nas crianças a partir dos 24 meses.

São crianças que na sua globalidade, apresentam um desenvolvimento adequado à sua idade.

É importante salientar que acredito que a caracterização do grupo de crianças com que se trabalha não deve contemplar apenas e somente o que as crianças sabem, no que se relaciona com seu desenvolvimento cognitivo/motor, mas também deverá ter sempre em conta o que elas são, ou seja, como as mesmas se definem enquanto pessoas, algo que procuro ter sempre presente no decorrer da minha prática profissional.

Segundo Filiozat (1999) “ [uma] criança é uma pessoa, com os seus pensamentos próprios, as suas emoções, os seus fantasmas, e as suas imagens mentais.” (p.31)

Este estudo está focado nas brincadeiras espontâneas das crianças e não em atividades previamente programadas com elas. As observações decorreram das interações com as crianças umas com as outras e com os objetos que eu lhes disponibilizei ou que já existiam.

Analisando os registros recolhidos (as notas de campo) foi-me possível reconhecer que nesta faixa etária a imitação é um fator dominante como motor de aprendizagem.

Muitas vezes a criança usa a brincadeira como forma de conhecer o que a rodeia. Ferland (2006) aponta ser a “brincadeira paralela, fonte de aprendizagem para a criança, permite-lhe conhecer os outros, que se tornam de certa forma modelos a imitar” (p. 146-147). Também a mesma autora (2006), refere que por volta dos 18 meses a criança (...) “reproduz cenas da vida quotidiana e as suas imitações nem sempre se dão, como anteriormente, em tempo direto; doravante, é capaz de recriar uma situação que observou alguns dias antes”. (p.78)

Tal como se vê em diferentes notas de campo o uso da imitação permite-nos perceber algumas das aquisições que a criança já tem, nomeadamente verbalizar adequadamente; “e diz óó” (nota de campo nº2), “são bolinhos, no cesto, para a mãe” (nota de campo nº24); “é um comboio!” (nota de campo nº 27) e emite o som de um cavalo (nota de campo nº 4); relacionamento com os pares (notas de campo nº 9, 19, 22, 27); ter o adulto como modelo (nota de campo nº 7 e 19).

Em todas as situações referenciadas a criança estava a imitar alguém ou alguma coisa.

Mas a imitação nem sempre se faz da mesma forma.

Na análise das notas de campo nº4 e nº9 verifica-se que a brincadeira das crianças que está descrita passa, segundo Piaget referido por Van der Kooij (1997), pela

“assimilação simples de um objeto a outro” isto é, usa um objeto com função pré-determinada com uma função distinta.

“O N. apanha do chão um pino de estradas e coloca-o na cabeça (...) usando-o como chapéu” (Nota de campo nº.9). Sob o mesmo ponto de vista também na nota de campo nº4, podemos ler “puxa a caixa de plástico dos carros para fora da estante e despeja todos os carros que se encontram lá dentro. (...) Levanta a perna e fica com o rabo sentado no fundo da caixa (...) imite um som como se de um cavalo se tratasse

Nestas duas últimas notas de campo as crianças já verbalizam a função que estão a atribuir ao objeto, provavelmente esta situação acontece porque as notas de campo são referentes ao final do ano letivo, altura em que já verbalizavam melhor.

Da análise das notas de campo nº 2, 7, 19, 20 e 24 pude constatar que em todas se verifica que, espontaneamente de uma forma prazerosa, as crianças envolvidas recriam uma situação anteriormente vivida na creche, usando ou não alguns objetos. Usam os objetos com função predeterminada, nomeadamente o cesto, o biberon e o pião, com essa mesma função. No entanto, como descrito na nota de campo nº 7 a criança revive um situação que observou na educadora estagiária usando um livro no lugar dos trabalhos, imitando- a numa ação que habitualmente a educadora estagiária fazia – “Dá cerca de dois passos e sobe a uma cadeira, ficando com os joelhos em cima da cadeira e comprime os livros contra o placar.”

Na análise destas mesmas cinco notas de campo, em quatro delas a situação descrita é numa situação sem interação com outras crianças e em duas delas há interação com um adulto. “Leva-o até junto da caixa de ovos e diz: pai, olha, as pedrinhas... são bolinhos, no cesto, para mãe.” (Nota de campo nº 24)

Esta falta de interação com outras crianças está de acordo com as características das crianças nesta faixa etária; as crianças ainda fazem uma brincadeira sozinha.

Da análise das notas de campo números 4, 14, 26 e 27 as crianças na sua brincadeira utilizam objetos com finalidades diferentes daquelas para que foram idealizados. “Sobe à caixa que se encontra virada ao contrário, levanta a perna e fica com o rabo sentado no fundo da caixa, com uma perna de cada lado. Começa a baloiçar e imite um som como se de um cavalo se tratasse.” (Nota de campo nº 4).

Também na nota de campo nº 14 “e com um marcador na mão anda com ele pelo ar” (o seu pai é piloto de avião e o J. gosta muito de aviões.)

“LA entra dentro da caixa. Senta-se dentro da caixa e diz – É barco!” (Nota de campo nº26).

“Segura na frigideira e na maçã de plástico. Coloca-se em pé. Coloca a maçã dentro da frigideira. Lança a maçã ao ar... riem-se os dois um para o outro” Estariam os dois a imitar um jogo de ténis? (Nota de campo nº 22).

“Desencaixa outra caixa e coloca-a no chão colocando-a em fila. (...) Entra dentro da quarta caixa e senta-se lá dentro. O F. diz: é um comboio!” (Nota de campo nº 27)

De acordo com o observado as crianças reproduzem situações que viveram fora do contexto da creche e levam-nos a perceber o que estão a imitar na sua brincadeira, quer verbalizando, quer emitindo sons. Em duas das três situações descritas as crianças não têm qualquer tipo de interação nem com o educador nem com outras crianças.

Em todas as situações as crianças demonstraram uma atitude prazerosa.

Nas situações descritas nas notas de campo nº 14 e nº 22 não há verbalização do que estão a imitar mas através dos gestos efetuados, dão ideia ao educador do que estão a vivenciar.

Da análise destas dez notas de campo, aquelas em que as crianças permanecem sozinhas a brincar, correspondem à primeira fase de recolha de dados efetuada entre novembro e dezembro, datas de início do ano letivo.

Todas aquelas onde existe interação quer com outras crianças quer com o adulto correspondem à última fase de recolha de dados, no mês de março.

No entanto em dezembro, na nota de campo nº 9 percebemos a interação com outra criança usando um objeto com uma função distinta da sua própria função. Esta criança é a mesma descrita na nota de campo número 7 que na altura agia sozinha. “Pára junto da LA. Olha para ela. Coloca-lhe o pino na cabeça. O pino cai. Olham um para o outro e riem-se.”

Ao reler as notas de campo com outro foco consigo verificar que as crianças desta idade ainda usam, muitas vezes, o seu brincar de uma forma exploratória tentando consolidar o seu saber sobre os objetos e a sua funcionalidade. Também brincam num treino de aperfeiçoamento das suas capacidades. Tal pode verificar-se na nota de campo nº 18 em que se lê “coloca a tampa do bule no chão. Senta-se no chão. Pega no bule. Pega na tampa do bule e encaixa-a no bule”. O Z. treina a destreza manual mas também tentou perceber para que servia a tampa. Esta mesma destreza pode-se ver treinada em muitas de campo, nomeadamente nas notas de campo nº 12, 17, 25 e 27, onde ensaiam construções quer com tacos de madeira, quer com legos, treinando o equilíbrio das peças. Também na nota de campo nº 21 as crianças treinam a sua motricidade no jogo da bola, mas também a aceitação de um parceiro para o seu jogo, competência social, que nesta idade ainda está muito insipiente.

Da análise das notas de campo nº 12 e nº 17, apesar de serem situações aparentemente idênticas, em que há a construção e destruição de alguma coisa, parece perceber-se da descrição na nota de campo nº 17 que estavam as duas crianças envolvidas na brincadeira e que por isso o facto de a destruição da torre fazer parte dessa mesma brincadeira e por isso ter terminado de forma alegre. “O E. sorri para o T. e com a mão destrói a torre que acabam ambos de construir. Olham um para o outro e

riem-se.” Na nota de campo nº 12 a brincadeira parece ser apenas do V. e a destruição da torre parece ser um facto alheio a essa brincadeira. “O V. tira da caixa outra peça de madeira e coloca-a em cima da anterior. O Z. destrói a torre. O V. chora. Olha para o Z. e para de chorar. Empurra o Z. e diz – sai. O Z. chora. Levanta-se.”

Nas duas situações descritas o objeto não parece ser o causador da diferença de atitude, mas sim a questão das regras/escolhas impostas da própria brincadeira.

Krasnor e Pepler, (1980); Rubin et al. (1983); Van der Poel, (1994), referidos por Azevedo (1996) apontam “brincar ocorre apenas quando a criança escolhe o que vai fazer e como o vai fazer; se outra pessoa controla o comportamento então a atividade não é brincar” (p. 41).

Azevedo (1996) considera “que brincar é sobretudo uma atividade associada à ideia de liberdade de ação onde possam fazer as suas próprias escolhas” (p. 41).

Na descrição da nota de campo nº 25 está apenas uma criança a brincar usando o mesmo objeto, os tacos de madeira, e construindo uma torre que fortuitamente se destrói. Este facto não parece originar o fim do seu brincar dado que reconstrói a torre e identifica o que fez imaginando uma forma “diz: é elefante – e coloca o braço à frente da face fazendo o som do mesmo”.

Na nota de campo nº 28 a criança brinca com um rolo de papel higiénico (material de desperdício). Apesar de o adulto tentar perceber o que ele está a fazer indagando “é uma pulseira” e ele aderir à ideia rapidamente, logo de seguida reconverte o seu rolo numa possível garagem para colocar carros de brincar.

Ao não ser capaz de lhe dar o uso que imaginou, encontra a solução indo procurar um carro que pudesse entrar na sua garagem.

Para não deixar dúvidas quanto àquilo que imaginara, ao interagir com outra criança “senta-se e diz: é garagem!” Não quer porém partilhar a brincadeira com o colega.

Na nota de campo nº 23 a criança usa um pau para desenhar na areia. Ao dialogar com o adulto imagina o que está a fazer. “V. com o pau aponta e diz: um pato!” A criança verbaliza o que imaginou apesar de não se reconhecer a figura.

Na nota de campo nº 6 a criança está apenas a fazer uso de um objeto com um fim diferente. Existe uma certa exploração do objeto que usa para alcançar o que quer – ver o que se passa no corredor da instituição. Não há uma brincadeira propriamente dita.

Ao analisar todas estas experiências vividas num contexto de brincadeira livre, não orientada pela educadora estagiária podemos verificar a existência de algumas das características que a brincadeira assume nesta idade, indo já além da exploração do objeto.

A criança interage com os pares ainda numa forma incipiente não organizando com eles o brincar.

De acordo com Piaget e Inhelder (1979) nesta faixa etária muitas vezes as crianças brincam sozinhas ou em paralelo, não se registando brincadeira livre em grupo, tal como se verifica nas notas de campo recolhidas, a criança imita de forma diferida algumas das situações já vividas, quer na creche, quer no ambiente familiar reproduzindo o comportamento de pessoas e de animais.

Nalgumas das vivências as crianças usam um objeto fazendo de conta que é outro, dando-lhe um sentido para o qual não foi concebido.

Em todas as situações as crianças estavam, interessadamente envolvidas nas ações descritos, demonstrando prazer naquilo que estavam a fazer.

## Considerações Finais

Todo o meu estágio procurou reflectir a forma como me posiciono face ao brincar que me parece ser a mais importante atividade que se pode proporcionar à criança.

Tendo a possibilidade de conceber o trabalho a realizar na sala (como responsável da mesma) procurei dar ao brincar a organização de um espaço e dum tempo de qualidade. Devo reconhecer que a própria instituição valoriza a importância do brincar não impondo à criança as atividades, dando-lhe o poder de decidir o que quer fazer.

Apoiada pelos autores de referência que escolhi pude ser capaz de possibilitar e melhorar quer o tempo dedicado ao brincar, quer a organização do seu espaço (recorrendo muitas vezes ao exterior) e mesmo dos materiais à disposição da criança.

A instituição também valorizava bastante as atividades de expressão plástica, onde sempre permitiu que durante as mesmas as crianças explorassem materiais de desperdício. Por sentir, enquanto educadora estagiária, que as crianças da sala se envolviam bastante nestas actividades de expressão plástica quando usavam materiais de desperdício, coloquei ao alcance das mesmas, na hora da brincadeira, também esses mesmos materiais.

Na sala onde estagiei, havia na minha opinião, um excesso de brinquedos, que já pouco despertavam o interesse das crianças.

Como referido nalgumas notas de campo as crianças usavam algum daquele material, caixas, tacos de madeira, rolos de papel higiénico, a que davam uso e atribuíam funções que enriqueciam a sua brincadeira.

A reflexão feita sobre algumas notas de campo permitiu-me ver, por exemplo, que V. (nota de campo nº 25) se interessou muitíssimo mais, envolvendo-se durante mais

tempo com os tacos de madeira disponibilizados em troca dos legos que com frequência brincava.

A criança deu-lhe uso não só construindo, mas também atribuindo-lhe forma e usando a sua criatividade. Também o controlo motor foi exercitado na construção e desconstrução do que pretendia fazer.

Ao procurar dar resposta às questões desta investigação pude perceber que as crianças desta faixa etária brincam explorando materiais, dando-lhe um significado próprio e fazem-no, maioritariamente, sozinhas ou em paralelo, havendo poucas interações com as outras crianças na partilha da brincadeira. Essas interações surgem sobretudo na fase final do ano letivo, quando as crianças já eram entretanto mais velhas.

Observando as brincadeiras podemos constatar a panóplia de aprendizagens que as crianças reflectem enquanto brincam. O desenvolvimento de capacidades quer verbais quer motoras, o aumento do tempo de concentração, envolvendo-se mais demoradamente na brincadeira. Aspectos do seu desenvolvimento pessoal e social, nas atitudes que mostram na forma de brincar, reconhecimento de vivências anteriormente feitas.

A criança ao brincar livremente usa diferentes objetos, considerados brinquedos ou não brinquedos dando-lhes uma funcionalidade própria ou outra.

Não necessita, como pude verificar nas observações feitas e registadas de nenhum objeto em especial para usar durante a brincadeira. Uma vez mais, retomo Ferland (2006):

“ enquanto a brincadeira é uma atividade importante da infância, o brinquedo é apenas o seu instrumento. Os dois não são sinónimos. O brinquedo não faz a brincadeira e a brincadeira nem sempre requer brinquedos.” (p.122)

Os materiais de desperdícios colocados à disposição das crianças foram significativamente usados durante as observações feitas.

O papel do educador quanto à criança que brinca, apesar de na análise das notas de campo surgir a sua interação, não se consegue delinear nenhuma resposta concreta. Este seria um foco para um trabalho futuro sobre o brincar na criança.

Não deixo porém de referir Gaspar (2010) que aponta algumas das formas do estar do educador face à brincadeira. A autora afirma que não se devem estruturar as brincadeiras dando-lhes uma aula com instruções sobre a mesma, pelo contrário, deve de seguir as instruções que lhe derem e imitar as suas ações. É uma forma de mostrar respeito pelo brincar da criança. O adulto deve também, ser uma bom espectador da brincadeira evitando envolver-se no que elas estão a fazer. Deve elogiar os esforços com entusiasmo e não apenas refletir sobre o final da brincadeira.

Para a mesma autora (2010)

“As perguntas que exigem que as crianças digam ao educador o que estão a fazer, ocorrem, em geral, antes de elas sequer terem pensado no produto final, ou antes de terem tido oportunidade de explorar as suas próprias ideias. A ênfase é colocada no produto e não no processo da brincadeira.” (p.10)

Este papel do educador aparentemente menos ativo é tão mais importante quanto essa passividade não for sinónimo de ausência. O estar presente, o ser capaz de observar e refletir sobre o que a criança está a fazer pode permitir-lhe ser um mediador de exceção no crescer da criança,

Tal como Vygosty referido por Gaspar (2010) “deixemos que o nosso pensamento se eleve uma cabeça acima de si mesmo, e brinquemos com as nossas crianças como elas merecem- é um direito delas e uma responsabilidade nossas.” (p.10)

Esta é uma responsabilidade do educador: repensar a sua ação de forma a contrariar o senso comum que aponta que os educadores se habituaram a defender, até mesmo com um certo dogmatismo, o valor da brincadeira; mas esse valor atribuído não tem sido necessariamente refletido na prática.

Não podem os educadores esquecer a importância do brincar. Relembrando Gaspar (2010) “é por serem um espaço de brincar que a creche e o jardim-de-infância se constituem como espaços de aprendizagens e desenvolvimento. É esta sua especificidade que lhes dá identidade.” (p.8)

Todo o processo do meu estágio e o da escrita deste relatório foi um decurso de aprendizagem e valorização da importância do brincar.

O brincar é tão mais importante quanto mais pequena é a criança. Toda a sua atividade exploratória decorre do seu brincar. Sem a possibilidade de exercer ação sobre o mundo que a rodeia a criança não consegue conhecê-lo nem relacionar-se com ele.

Não deixemos esmorecer a creche. Demos espaço ao brincar!

**Referências Bibliográficas:**

- Azevedo, N. (1996). *Falando sério sobre brincar ou brincando com coisas sérias*. In Cadernos de Educação de Infância nº 40 de outubro a dezembro de 1996. Lisboa: APEI.
- Bogdan, R. e Bikjlen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira, D. (2010). *O direito a brincar*. In Cadernos de Educação de Infância nº 90 de maio a agosto de 2010. Lisboa: APEI.
- Filliozat, I. (1999). *No coração das emoções das crianças. Compreender a sua linguagem, risos e choros*. Cascais: Pergaminho.
- Gaspar, M. (2010). *Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: a voz de Vygotsky*. In Cadernos de Educação de Infância nº 90 de maio a agosto de 2010. Lisboa: APEI
- Gomes Pedro, M.J. (1999). *O brincar e os brinquedos*. Monografia apresentada para a obtenção de diploma de CESE na ESEI Maria Ulrich. Não publicado.
- Homem, C. Gomes, B. e Montalvão, R. (2009). *A importância da criatividade*. In Cadernos de Educação de Infância nº 88 de dezembro de 2009. Lisboa: APEI
- Kishimoto, T. (2002). *O brincar e as suas teorias*. São Paulo: Pioneira

- Kamii, C. (1996). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Oliveira-Formosinho, J. (2010). *O projecto DQP (EEL\*): uma apresentação*. Cadernos de Educação de Infância nº 89 de janeiro a abril de 2010: Lisboa: APEI
- Oliveira, V. (2000). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: RJ Vozes
- Piaget, P. e Inhelder, B. (1979). *A psicologia da criança*. Lisboa: Moraes Editores
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches, uma abordagem ecológica da adaptação do bebe à creche*. Porto: Porto Editora
- Portugal, G. (2000). *Educação de bebés em creche – Perspetivas de formação teóricas e práticas*. Infância e Educação, Revista do GEDEI. Porto: Porto Editora
- Santos, F.A.V. (2015). *Interações sociais entre crianças no ato de brincar*. Relatório de Projeto de Investigação Final para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Texto não Publicado
- Santos, L. (2010). Editorial. In Cadernos de Educação de Infância nº 90 de maio a agosto de 2010. Lisboa: APEI.
- Santos, M. (2009). *O direito de brincar*. Revista Guia para Pais e Educadores, nº20. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial Lda.
- Teyssedre, C. e Baudonnière, P. (1997). *Aprender dos 0 aos 4 anos*. Lisboa: Instituto Piaget

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora

Sites consultados:

[http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)

consultado em 08/10/2016.

## **Anexos**

## **Nota de Campo nº 2**

**Data:** 25.11.2010 – Quinta-feira

**Hora:** 10h40m

**Local:** Sala

**Intervenientes:** 1 criança (R) do sexo feminino, de 19 meses

**Duração:** Aproximadamente 4 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

R. está a colocar um biberão na boca de um dos bonecos de borracha que se encontram no berço de madeira da sala.

Levanta-se e com o boneco e o biberão nas mãos, dirige-se até à outra ponta da sala, onde se encontra uma caixa de plástico em que colocamos as almofadas que usamos para nos sentarmos no chão.

Coloca o boneco de borracha e o biberão no chão, junto à caixa de almofadas e tira uma das almofadas, colocando-a no chão.

Deita o boneco de borracha em cima da almofada, senta-se no chão e coloca o biberão na boca do boneco de borracha.

E diz: “ÓÓ”

## **Nota de Campo nº 4**

**Data:** 29.11.2010 – Segunda-feira

**Hora:** 11h

**Local:** Na sala

**Intervenientes:** 1 criança (G) do sexo masculino de 19 meses

**Duração:** aproximadamente 3 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

O G. está a brincar junto da estante dos brinquedos. Puxa a caixa de plástico dos carros para fora da estante, vira a caixa ao contrário e despeja todos os carros que se encontram lá dentro.

Olhou para mim, mas eu desviei o olhar.

Sobe à caixa, que se encontra virada ao contrário, levanta perna e fica com o rabo sentado no fundo da caixa, com uma perna de cada lado.

Começa a baloiçar-se e imite um som como se de um cavalo se tratasse.

### **Observação:**

Ao simular que estava a andar a cavalo, estaria o G. a imitar uma situação que faz parte do seu quotidiano?

## **Nota de Campo nº 6**

**Data:** 02.12.2010 – Quinta-feira

**Hora:** 10h40m

**Local:** Sala

**Intervenientes:** 1 criança (G) do sexo masculino de 19 meses

**Duração:** aproximadamente 5 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

O G. está a brincar junto da estante dos brinquedos. Puxa para fora da estante a caixa dos animais e vira a caixa ao contrário, fazendo com que todos os animais fiquem fora da caixa. Leva a caixa até à porta que dá acesso ao corredor, porta esta que se encontra mesmo ao lado da estante. Apoiado na grade, entra dentro da caixa e espreita para o corredor. Tenta subir até uma das laterais da caixa, apoiado na grade e cai.

Sai de dentro da caixa e sobe até um tijolo em cartão que se encontra mesmo ao lado da caixa de plástico. Fica ali por segundos.

Sai de cima do tijolo de cartão, puxa a caixa de plástico para junto do corpo e vira a caixa com o fundo para cima.

Sobe à caixa, apoiado na grade e fica ali a olhar para o que se passa no corredor.

### **Contextualização:**

Esta nota de campo surgiu no decorrer da manhã, na sala, eu estava sentada na zona da reunião de tapete, a interagir com outra criança, quando esta ação do G. despertou a minha atenção.

### **Observação:**

Esta nota de campo foi significativa para mim, porque me chamou à atenção a curiosidade da criança, que possivelmente queria ver o que se passava no corredor.

## **Nota de Campo nº 7**

**Data:** 03.12.2010 - Sexta-feira

**Hora:** 16h

**Local:** Sala

**Intervenientes:** 1 criança (N) do sexo masculino, de 20 meses

**Duração:** Aproximadamente 5 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

N. está a ver livros, sentado na área onde diariamente contamos a história.

Levanta-se, levando na mão o livro pequeno e cartonado que está a ver. Abre o livro e comprime-o contra a parede, largando-o. O livro cai, e então volta a apanhar o livro. Dá cerca de dois passos e volta a comprimir o livro contra a parede, larga-o, e o livro cai.

Volta-se trás e dirige-se até ao placar, onde habitualmente colocamos os trabalhos realizados pelas crianças, estica-se e comprime o livro contra o placar. Larga-o e o livro cai. Dá cerca de dois passos e sobe a uma cadeira, ficando com os joelhos em cima da cadeira e comprime o livro contra o placar, ao larga-lo o livro cai.

Ao lado encontra-se o móvel onde se colocam os brinquedos, coloca o livro encostado à parede e em cima do móvel e vai-se embora.

### **Contextualização:**

Para contextualizar resta-me referir que os adultos da sala têm andado a enfeitar as paredes e os placares com pinturas de Natal realizadas pelas crianças da sala.

### **Observação:**

Esta nota de campo fez-me refletir se o N. queria imitar os adultos da sala, e estaria a tentar fixar o livro na parede?

## **Nota de Campo nº9**

**Data:** 07 de Dezembro de 2010

**Local:** Jardim

**Hora:** 11h

**Duração:** 4 minutos

**Intervenientes:** N. (criança do sexo masculino de 20 meses de idade) e LA. (criança do sexo feminino de 22 meses de idade)

**Descrição:** O N. apanha do chão um pino de estradas (brinquedo de plástico). Coloca-o na cabeça. Segurando-o com a mão, anda poucos segundos com ele na cabeça.

Tira o pino da cabeça. Anda pelo jardim com o pino na mão. Para junto da LA. Olha para ela. Coloca-lhe o pino na cabeça. O pino cai. Olham um para o outro e riem-se.

### **Inferências:**

O N. é uma criança bastante brincalhona, bem-disposta, posso mesmo dizer cómica. Achei interessante esta nota de campo, estaria o N. a imitar colocar um chapéu na cabeça? Achei interessante ver o N. dar uma outra função aquele objeto.

### **Observações:**

Este pino de estradas estava ali no jardim pela primeira vez.

## Nota de Campo nº 12

**Data:** 13.12.2010 – Segunda-feira

**Hora:** 09h10m

**Local:** Na sala

**Intervenientes:** V. criança do sexo masculino de 25 meses de idade, Z. criança do sexo masculino de 17 meses de idade e a Educadora Estagiária do Mestrado Pré-Escolar

**Duração:** 7 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

O V. encontra-se junto do armário dos brinquedos. Tira a gaveta das madeiras. Coloca a gaveta no chão. Senta-se. Tira uma peça de madeira e coloca-a no chão. Tira outra peça de madeira e coloca-a em cima da anterior. Tira outra peça de madeira e coloca-a em cima da anterior. O Z. aproxima-se e senta-se. O V. tira da caixa outra peça de madeira e coloca-a em cima da anterior. O Z. destrói a torre. O V. chora. Olha para o Z. Para de chorar. Empurra o Z. e diz: “Sai!”. O Z. chora. Levanta-se. Dirige-se a chorar até junto de mim, que estou no cantinho da leitura a mostrar um livro às outras crianças. Olha para o livro. Para de chorar. Senta-se ao meu colo. Ali fica a ouvir a história. O V. continua a fazer a torre com as peças de madeira.

### **Observação:**

A história que eu estava a contar, é uma história de Natal, com ilustrações pop-up e música. Uma história que as crianças da sala apreciam bastante, pois é uma das histórias mais solicitadas por elas.

### **Inferências:**

Porque será que o Z. parou de chorar ao olhar para a história? Terá a história despertado o seu interesse, e ter-se-á esquecido do que se tinha passado com o V.?

## **Nota de Campo nº 14**

**Data:** 15.12.2010 – Quarta-feira

**Hora:** 10h35m

**Local:** Sala

**Intervenientes:** J. criança do sexo masculino de 24 meses de idade

**Duração:** 5 minutos

### **Descrição da nota de campo:**

Uma criança está sentada à mesa a fazer um desenho. O J. aproxima-se. Tira um marcador de feltro de dentro da caixa que se encontra em cima da mesa. Com o marcador na mão dirige-se ate ao cantinho da leitura. Senta-se. Levanta o braço direito e com o marcador na mão anda com ele pelo ar. Levanta-se. Anda pela sala com o marcador pelo ar.

### **Inferência:**

Estaria o J. a imaginar que o marcador de feltro era um avião? Teria já o J. feito esta brincadeira num outro contexto?

### **Observação:**

O J. é uma criança que gosta muito de aviões. O seu pai é piloto de aviação e todos os aviões que o J. diz serem do seu pai.

## Nota de Campo nº 17

**Data:** 10 de Março de 2011

**Local:** Sala, junto ao armário dos brinquedos

**Hora:** 09h40

**Duração:** 5 minutos

**Intervenientes:** T. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade) e o E. (criança do sexo masculino de 24 meses de idade)

### **Descrição da Ação:**

O T. está junto ao armário dos brinquedos. Abre uma das gavetas do armário e tira uma peça de lego. Coloca-a em cima do armário. Tira outra peça de lego da gaveta e encaixa-a em cima da peça de lego anterior. O E. que se encontra também junto ao armário a brincar com os carros, tira uma peça de lego da gaveta e encaixa-a em cima das outras duas peças que o T. encaixou.

O T. olha para o E.. Tira outra peça de lego da gaveta e encaixa-a em cima da peça que o E. acaba de encaixar.

O E. sorri para o T. e com a mão destrói a torre que acabam ambos de construir. Olham um para o outro e riem-se.

O E. empurra todas as peças que ficaram em cima do armário para dentro da gaveta.

O T. sai e dirige-se até junto do cantinho dos livros.

O E. fecha a gaveta e dirige-se até ao cantinho dos livros.

As outras peças de lego ficam caídas no chão.

### **Inferências:**

Sendo que nesta faixa etária prevalece o egocentrismo, inerente à idade, como poderei descrever esta ação entre as duas crianças? Poderei afirmar que é uma brincadeira de pares?

Penso que sim, por volta dos 18 meses, as crianças já interagem com o outro brincando, embora por breves momentos.

Acho no entanto curioso o facto das crianças se divertirem com a construção e depois desconstrução da “torre” que estiveram a elaborar. Penso que tal facto se deve à experimentação da causa/efeito.

## Nota de Campo nº 18

**Data:** 10 de Março de 2011

**Local:** Sala, junto à casinha

**Hora:** 15h50m às 15h55m

**Duração:** 5 minutos

**Intervenientes:** Z. (criança do sexo masculino de 20 meses de idade)

### **Descrição:**

O Z. vai até à caixa de plástico onde se encontra os utensílios de cozinha. Abre a tampa. Apoia-se com o corpo na caixa e começa a mexer nos brinquedos que estão dentro da caixa. Passa algum tempo a mexer nestes brinquedos. Ajoelha-se e tira de lá de dentro um bule de plástico. Coloca-o no chão. Levanta-se e apoia-se na caixa. Volta a remexer nos brinquedos que estão dentro da caixa. Permanece algum tempo a remexer nos utensílios de cozinha. Ajoelha-se. Tira de dentro da caixa a tampa do bule.

Coloca a tampa do bule no chão. Senta-se no chão. Pega no bule. Pega na tampa do bule e encaixa-a no bule.

Levanta-se, segura bem pela asa do bule e anda pela sala com o bule na mão.

Permanece assim algum tempo, até que eu digo para arrumar a sala, para depois irmos para o jardim.

O Z. larga o bule no chão e dirige-se até à porta da sala.

### **Observações:**

Será que se não tivesse dito para arrumarem a sala, o Z. teria continuado a brincar com o bule? E será que usaria o bule com a sua função pré determinada ou usá-lo-ia com outra função?

**Inferências:**

Esta nota de campo suscitou a minha atenção, pela forma como o Z. explorou o bule, porque acredito que é através destas explorações que as crianças se apropriam do mundo que as rodeia, passando a compreendê-lo de outra forma.

Acredito e defendo que é fundamental respeitar o espaço da criança, e foi esse facto que me levou a não interagir com o Z., como me apeteceu no momento.

No entanto sinto que agi de forma adequada, e penso que tal facto resultou nesta interação criança/objeto.

## Nota de Campo nº 19

**Data:** 11 de Março de 2011

**Local:** Sala, no cantinho da leitura

**Hora:** 9h45m

**Duração:** 5 minutos

**Intervenientes:** R. (criança do sexo feminino de 23 meses de idade), J. (criança do sexo masculino de 27 meses de idade), V. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade) e Z. (criança do sexo masculino de 20 meses de idade)

**Descrição:** A R., o J., o V. e o Z. estão sentados no cantinho da leitura a verem livros.

A R. larga no chão o livro que está a ver. Levanta-se e dirige-se até junto do armário dos brinquedos. Segura bem no pião e dirige-se até ao cantinho da leitura, onde se encontra o J., o V. e o Z.. Senta-se no chão e faz rodar o pião. Ali permanece alguns minutos, sem interagir com o J., o V. e o Z..

### **Inferências:**

A R. é uma criança que gosta de ver livros. O facto de ela ter largado o livro e ter ido buscar o pião, será que foi porque olhou e ficou desperta para o objeto? Ou terá sido porque já não queria ver mais livros e lembrou-se do pião? Penso que sim, que a R. lembrou-se do pião, pois a R. é uma criança que gosta muito de brincar com o pião.

O facto de ter voltado para junto dos colegas, terá sido porque ali se sente mais confortável. O espaço da leitura é um local onde a R. gosta muito de estar.

Estará o R. a imitar o rodar do peão, algo que já tinha observado?

## Nota de Campo nº 20

**Data:** 14 de Março de 2011

**Local:** Jardim pequeno

**Hora:** 10h40m

**Duração:** 2 minutos

**Intervenientes:** V. (criança de 27 meses de idade) e estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar

### **Descrição da Ação:**

O V. dirige-se até junto de mim. Coloca o seu pé direito junto do meu pé (a ponta do sapato do V. toca na minha ponta do sapato).

O V. levanta e desce o pé do chão. Olha para mim e sorri.

Eu olho e sorri-o também para ele.

O V. diz “ponha o pé”. Eu começo a cantar: “olha ponha aqui, olha ponha aqui o seu pezinho”, sempre batendo com o pé no chão, para cima e para baixo.

Continuo a cantar: “mas ao tirar o meu pezinho” e tiro o meu pé para trás. O V. tira também o pé para trás.

Continuo a cantar: “Ai”, inclino-me. Não digo nada e olho V. olhos nos olhos. O V. abre os braços “Um abraço dou eu”. Damos um abraço os dois.

### **Inferências:**

Escolhi esta nota de campo para descrever, pois achei interessante o V. saber esta cantiga, uma vez que só a tínhamos cantado uma vez anteriormente. Não sei no entanto se num outro contexto o V. já o tivesse feito. Acho muito importante não deixar que estas cantigas mais antigas se percam. Esta é uma das cantigas que a minha avó me cantava e que ainda hoje me recordo dela com saudade.

## Nota de Campo nº 21

**Data:** 15 de Março de 2011

**Local:** Jardim da areia

**Hora:** 10h45m

**Duração:** 4 minutos

**Intervenientes:** E. (criança do sexo masculino de 24 meses de idade), o V. (criança do sexo masculino de 27 meses de idade) e estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Descrição:** O E. está pelo jardim com a bola na mão. Deita a bola para o chão e dá-lhe um pontapé. Vai a correr atrás da bola. Apanha a bola e anda pelo jardim com a bola na mão. O V. chega junto do E. e puxa a bola para ele. Começa a correr pelo jardim com a bola na mão. O E. vai a correr atrás do V. dizendo “É meu!”.

O E. para junto de mim. Olha para mim e começa a chorar.

O V. para. Olha para mim e coloca a bola no chão.

O E. vai até junto da bola e dá-lhe um pontapé.

Eu dirijo-me até junto do E.. Chamo o V. para junto de nós. Digo ao V. e ao E. para brincarem os dois com a bola.

O E. dá um pontapé na bola em direção a mim.

Eu dou um pontapé na bola na direção dos pés do V.. Digo ao V. para chutar a bola para o E..

Os dois começam a correr pelo jardim.

Ambos dão pontapés na bola, durante algum tempo.

Ao passar pelo escorrega o V. dirige-se até ele.

O E. segura na bola e anda pelo jardim.

**Inferências:**

O E. é uma criança que gosta muito de brincar com a bola, posso mesmo considerar que esta é a sua brincadeira preferida.

O E. apresenta uma boa destreza oculomotora.

Nesta idade as crianças têm alguma dificuldade em partilhar brinquedos, por isso decidi interferir. Apesar de eu ter interferido e ter “provocado” que partilhassem a bola e assim brincassem os dois, estas duas crianças já, de uma forma espontânea, brincam em paralelo.

## Nota de Campo nº 22

**Data:** 17 de Março de 2011

**Local:** Sala

**Hora:** 09h05m

**Duração:** 2 minutos

**Intervenientes:** F. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade), o T. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade)

**Descrição:** O F. dirige-se até à caixa onde se encontram os utensílios de cozinha. Ajoelha-se junto da caixa e tira-lhe a tampa. Debruça-se por cima da caixa e tira lá de dentro uma frigideira de plástico. Coloca a frigideira no chão. Debruça-se novamente na caixa e tira lá de dentro uma maçã de plástico.

Segura na frigideira e na maçã de plástico. Coloca-se em pé. Coloca a maçã dentro da frigideira. Lança a maçã ao ar.

O T. está no cantinho da leitura a ver um livro. Olha para o F.. Larga o livro. Dirige-se apressadamente até junto da caixa dos utensílios de cozinha. Ajoelha-se. Debruça-se na caixa e tira lá de dentro uma laranja de plástico. Coloca a laranja no chão. Debruça-se novamente na caixa e tira lá de dentro uma frigideira de plástico. Segura na laranja e na frigideira. Coloca-se de pé. Coloca a laranja dentro da frigideira e lança a laranja ao ar. Olha para o F. e riem-se os dois um para o outro.

### **Inferências:**

Foi bastante interessante para mim, ver como o F. foi criativo, dando outra função aos objetos e ao mesmo tempo como foi seletivo, ao escolher um objeto de forma plana com uma asa e um outro de forma circular.

Achei curioso o T., ter ficado desperto para esta brincadeira e ter escolhido precisamente os meus objetos. Estariam os dois a imitar um jogo de ténis?

Será que ambos já tiveram contacto com uma raquete e já presenciaram uma brincadeira com uma raquete e uma bola? Ou será que só o F. teve esse contacto, e o T. apenas o imitou?

**Observação:**

Dentro da caixa dos utensílios de cozinha, para além dos objetos já mencionados existem outros de plástico como por exemplo: tachos, panelas, pratos, copos, canecas, bules, jarros, colheres, garfos, peras, bananas, uvas.

## Nota de Campo nº 23

**Data:** 21 de Março de 2011

**Local:** Jardim da Areia

**Hora:** 10h45m

**Duração:** 10 minutos

**Intervenientes:** V. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade) e estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar

### **Descrição da Ação:**

O V. anda pelo jardim. Baixa-se. Apanha um pau do chão. Corre cerca de 100 metros. Senta-se. Segura o pau com a mão direita. Cruza as pernas. Faz rabiscos na areia. Ali permanece alguns minutos.

Eu aproximo-me do V. Sento-me ao seu lado. Pergunto-lhe: “O que é que o V. está a fazer?”

O V. levanta a cabeça. Olha-me nos olhos e responde: “Um desenho!”

Eu pergunto: “E o que é que está a desenhar?”

O V. com o pau aponta e diz: “Um pato!”

Eu respondo, olhando-o nos olhos: “O seu pato está lindo! Quer continuar a desenhar?”

O V. responde: “Sim!”. Baixa a cabeça e ali permanece.

Eu levanto-me e saio de junto do V.

### **Observações:**

O V. é uma criança que gosta imenso de participar nas atividades de expressão plástica, nomeadamente quando se trata de desenhar com marcadores de feltro e de fazer pinturas com pincel.

Todas as terças e sextas-feiras são realizadas, principalmente atividades de expressão plástica, mas são muitas as vezes que o V. se dirige aos adultos da sala e pede para fazer um desenho.

**Inferências:**

Escolhi esta nota de campo, para descrever porque senti que este foi um momento de grande simplicidade mas de grande prazer, dado o envolvimento evidenciado pela criança.

Será que o V. já tinha num outro contexto desenhado na areia ou na terra? Ou será que partiu dele, naquele momento após ter encontrado o pau no jardim?

Senti que este momento foi especial para ele e por isso após perceber que o V. queria continuar a desenhar e ele ter baixado a cabeça decidi retirar-me e deixá-lo “sozinho” a desenhar.

## Nota de Campo nº 24

**Data:** 22 de Março de 2011

**Local:** Jardim da areia

**Hora:** 16h

**Duração:** 7 minutos

**Intervenientes:** LE. (criança do sexo feminino de 26 meses de idade), estagiária do Mestrado em Pré-escolar e pai da LE.

### Descrição:

LE. anda pelo jardim. Baixa-se. Volta a andar. Baixa-se. Volta a andar. Dirige-se até junto da caixa dos brinquedos. Retira lá de dentro a parte de baixo de uma caixa de ovos que tem presa a um cordel. Coloca a caixa de ovos no chão. Senta-se. Coloca o que tem na mão dentro da caixa de ovos. Olha para a frente. Vê o pai. Sorri. Levanta-se. Corre para o pai. Abraça-o. Puxa-o pela mão. Leva-o até junto da caixa de ovos e diz: “Pai, olha, as pedrinhas!” Baixa-se. Pega na caixa de ovos e diz: “São bolinhos, no cesto, para a mãe!”

**Eliminado:** que tem prendido um cordel

O pai olha para a LE. Sorri e diz: “São bolos, que estão dentro do cesto e que quer dar à mãe?”

**Eliminado:** A

**Eliminado:** , e

A LE. olha o pai nos olhos. Sorri e diz: “Sim!”

**Eliminado:** A

A LE. levanta-se e de mão dada sai pelo portão da escola com o pai.

**Eliminado:** A

**Observação:** Durante esta semana uma das salas dos 24 aos 36 meses pintou no contexto sala de aula caixas de ovos e foram deixados no jardim ao alcance das crianças.

**Eliminado:** que posteriormente serviram para as crianças fazerem de cestos

**Inferências:** A LE. é uma criança bastante observadora. Será que a LE. tinha visto as crianças da sala dos 2 anos, a usarem este objeto como cesto, durante a caça ao tesouro, ou partiu dela a iniciativa?

**Eliminado:** A

**Eliminado:** A

## Nota de Campo nº 26

**Data:** 28 de Março de 2011

**Local:** Jardim pequeno

**Hora:** 10h35m

**Duração:** 2 minutos

**Intervenientes:** LA. (criança do sexo feminino de 25 meses de idade), N. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade) e estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar

### **Descrição da Ação:**

A LA. despeja para o chão todos os brinquedos que estão dentro da caixa de plástico onde são guardados os brinquedos.

N. olha para a LA.

N. despeja outra caixa de brinquedos.

LA. entra dentro da caixa. Senta-se dentro da caixa e diz: “É barco!”

Eu começo a cantar:

“Um barquinho ligeiro andava, ligeirinho andava no mar”

N. entra dentro da caixa e senta-se lá dentro.

Eu canto: “Veio a onda baloiça o barquinho”

LA. segura com as mãos na caixa e tenta que a caixa baloie.

Eu canto: “E o barquinho faz chape no mar.”

O N. coloca as mãos de lado na caixa e baloiça o corpo.

O N. olha para a LA. e riem-se.

**Observação:**

Cantamos esta música habitualmente na sala, no jardim e durante as aulas de expressão pelo movimento e expressão musical. As crianças colocam-se sempre duas a duas em frente uma à outra, dão as mãos e baloiçam o corpo.

**Inferências:**

As crianças tinham acabado de chegar ao jardim. A LA. procurou um carro para andar, mas os seus colegas chegaram primeiro. Terá esta criança despejado os brinquedos porque estava com “raiva” por não conseguir um carro para andar? Ou será que se lembrou simplesmente que queria entrar dentro da caixa? E será que pensou logo em fazer da caixa um barco?

## Nota de Campo nº 25

**Data:** 23 de Março de 2010

**Local:** Sala

**Hora:** 9h10m

**Duração:** 20 minutos

**Intervenientes:** V. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade)

### **Descrição:**

O V. entra na sala. Dirige-se até à caixa dos tacos de madeira. Ajoelha-se. Tira a tampa da caixa. Tira uma peça de madeira. Coloca a peça de madeira no chão na posição vertical. Tira outra peça de madeira de dentro da caixa. Coloca-a na posição horizontal em cima da outra peça de madeira. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal em cima da peça que colocou anteriormente. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal, em cima da peça que colocou anteriormente. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal, em cima da peça que colocou anteriormente.

A torre cai. O V. diz: “Oh!” Olha para trás. Senta-se. Cruza as pernas. Coloca uma das peças de madeira na posição vertical, à sua frente. Apanha outra peça de madeira do chão e coloca-a ao lado da outra peça de madeira. Apanha outra peça de madeira e coloca-a ao lado das outras. Vira-se. Tira outra peça de madeira e coloca-a na horizontal ao lado da outra.

O V. fica situado no centro e à sua volta estão os tacos. Diz: “É elefante” e coloca o braço à frente da face fazendo o som do mesmo”

### **Observação:**

O V. é uma criança que procura os legos para brincar. Encaixava-os, desencaixava-os e faz torres com os legos. Permanece cerca de 5 minutos a interagir com os legos. Desde que chegaram à sala os tacos de madeira o V. tem procurado os tacos para brincar e tem

deixado de parte os legos. É notório que o tempo de permanência na interação com os tacos é maior que o tempo de interação com os legos.

**Inferência:**

Escolhi esta nota de campo, pois foi notório o envolvimento que o V. teve ao longo desta brincadeira. Será que os legos condicionam a criança do ponto de vista da criatividade, uma vez que já têm um uso e objetivo pré-determinado?

## Nota de Campo nº 27

**Data:** 29 de Março de 2011

**Local:** Jardim

**Hora:** 10h45m

**Duração:** 4 minutos

**Intervenientes:** T. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade), o N. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade) e o F. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade).

### **Descrição:**

Estão quatro caixas de plástico, umas dentro das outras no jardim, encostadas à parede.

O T. dirige-se até às caixas. Desencaixa uma das caixas. Coloca a caixa no chão.

Desencaixa outra caixa e coloca-a no chão atrás da primeira caixa que desencaixou.

Desencaixa outra caixa e coloca-a no chão colocando-as em fila.

O N. aproxima-se. Entra dentro da terceira caixa e senta-se lá dentro. O F. dirige-se a correr até junto da primeira caixa. Entra dentro da caixa e senta-se dentro da segunda caixa. Olha para trás, para o N. e ri-se. O T. olha. Entra dentro da quarta caixa e senta-se lá dentro. O F. diz: “É um comboio!”

E ali permanecem alguns segundos.

### **Inferências:**

Será que o T. ao ir desencaixar a primeira caixa teve como intenção fazer um comboio?

Ou simplesmente quis alinhar as caixas? E as outras duas crianças, nomeadamente o F., o que será que o levou a dizer que era um comboio? Será que já num outro contexto o tinha feito?

## Nota de campo nº 28

**Data:** 30 de Março de 2011

**Local:** Sala

**Hora:** 09h25m

**Duração:** 20 minutos

**Intervenientes:** N. (criança do sexo masculino de 23 meses de idade), F. (criança do sexo masculino de 28 meses de idade) e estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

### **Descrição:**

O N. dirige-se até ao armário dos brinquedos onde se encontra um cesto com rolos de papel higiénico. Despeja todos os rolos de papel higiénico no chão. Senta-se. Coloca um dos rolos no pulso. Levanta-se. Passeia pela sala com um sorriso nos lábios. Dirige-se até junto de mim de diz: “Olha!”

Eu pergunto-lhe: “É uma pulseira?”

O N. responde: “É!” e continua a andar pela sala com um sorriso nos lábios.

Dirige-se até ao armário dos brinquedos. Puxa a caixa que contém os carros para junto do seu corpo. Retira a ambulância e coloca-a no chão. Senta-se. Empurra a ambulância para dentro de um rolo de papel higiénico. Não consegue. Retira o rolo de papel higiénico do pulso. Empurra a ambulância para dentro do rolo de papel higiénico. Não consegue.

Levanta-se. Tira um carro vermelho. Senta-se. Coloca o carro vermelho dentro do rolo de papel higiénico. Levanta-se segurando o rolo de papel higiénico com o carro lá dentro. Vai até junto da parede. Senta-se. Coloca o rolo de papel higiénico no chão. O carro cai. Coloca o carro vermelho dentro do rolo de papel higiénico. Levanta-se. Dirige-se até à caixa dos carros. Retira um outro carro vermelho. Baixa-se apanha um

rolo de papel higiênico do chão. Dirige-se até à parede. Senta-se. Coloca o carro dentro do rolo de papel higiênico. Dirige-se até à caixa dos carros. Trás a caixa até junto da parede. Coloca a caixa no chão. Dirige-se até aos rolos de papel higiênico. Trás consigo dois rolos. Dirige-se até à parede. Senta-se. O F. olha. Senta-se e diz: “É garagem!”. O F. tira um rolo de papel higiênico ao N.. O N. Diz: ”Não!” o F. olha para mim. Eu não digo nada. O F. sai e deixa o N.

**Observações:**

Hoje tenho colocado no braço uma pulseira de madeira, à qual a Catarina fez referência.

**Inferências:**

Será que o N. olhou para o meu braço e viu que eu tinha uma pulseira de madeira e quis imitar-me? Ou será que ouviu a minha conversa e a da Catarina, quando falávamos da minha pulseira? Ou será que deu simplesmente uma outra função ao objeto?

Será que o N. já tinha brincado a fazer de garagem os rolos de papel higiênico num outro contexto?

Porque será que o F. sem que eu verbaliza-se nada se retirou da brincadeira do N.?